

SINCRETISMO: UMA LEITURA POSSÍVEL

Célio de Pádua GARCIA *

RESUMO

Neste trabalho, procurou-se investigar o sincretismo religioso, tendo um olhar sobre o candomblé e outro na religião cristã; bem como os elementos que contribuíram para o sincretismo entre as duas crenças. O terreiro é visto como espaço de construção e reconstrução da identidade africana. O sincretismo, como se verá, é característica de toda e qualquer religião.

Considerações iniciais

Experimentem tirar pela força aquilo que faz um homem. Era a crença dos católicos que os santos africanos deviam ser esmagados. Impossível para os negros esquecer quem veneravam. Iludindo todos os brancos, eles apenas mudaram o nome de seus santos. E daí surgiu a mistura preto-branco, afro-europeu, mexido bem brasileiro, farofa de religião.

Milton Nascimento

O tema que se propõe é uma reflexão e uma tentativa de perceber o sincretismo religioso como forma de resistência silenciosa ao sistema de opressão que os afro-descendentes sofriam no plano religioso, cultura e social. A religião dos Orixás, trazida pelos africanos (as), é o pano de fundo para nossa reflexão. Os afro-brasileiros instintivamente recorreram ao sincretismo como meio propício à conservação de suas tradições culturais, religiosas e da própria identidade étnica.

* Mestre em Ciências da Religião pela UCG e professor da UCG. email: frgarciaop@hotmail.com.

O Candomblé é uma das religiões africanas que se estabeleceram no Brasil e tornou-se um forte foco de resistência, pois, por meio de suas experiências religiosas, as pessoas fazem uma retomada da África-Mítica. Assim sendo, todos os(as) afro-brasileiros(as) ou não, seguidores do Candomblé, são, de algum modo, afro-descendentes. As marcas de uma imposição religiosa não foram capazes de destruir ou apagar a lembrança sempre viva da vivência dos Orixás.

A religião dos Orixás é algo que perpassa todos os espaços da vida. Mesmo que esteja adequada ao sistema religioso católico, continua original e não perde o seu conteúdo mítico-religioso.

O fenômeno sincrético

O fenômeno vivido pela religião dos Orixás em terras brasileiras é chamado de sincretismo. A compreensão do termo reporta-se a Ferretti (1995, P. 18), que o definiu como forma de adaptação do negro à sociedade colonial e católica dominante. Foi o meio de ajudá-lo a viver e dar-lhe forças para suportar e vencer as dificuldades da existência, enfrentando os problemas práticos. Assim sendo, pode-se afirmar que, por meio do sincretismo, acontece uma verdadeira síntese cultural e religiosa, permitindo aos afro-descendentes a preservação de sua identidade.

Etimologicamente, o vocábulo sincretismo deriva do grego *syncretismós*, da qual deriva o termo latino *sincretismus* e, modernamente, o francês *sincretisme* e o português sincretismo.

O exclusivismo doutrinário das igrejas Cristãs já deu ao termo uma conotação pejorativa, definindo-o como “mistura de religiões”. Leonardo Boff (1981, p. 147-148) aponta seis tipos de sincretismo: de adição, de acomodação, de mistura, de concordismo, de tradução e de refundição. Optamos pelo tipo que vê no sincretismo uma realidade viva e aberta, que assimila elementos diferentes e os

transforma, ao criar uma nova síntese: “Todas as experiências religiosas são sincréticas pois elas são um fenômeno inerente ao processo de construção da mesma e das instituições eclesiais que a sustentam.” (Boff, 1981, p.146).

Aplicando, nesse caso, a definição de Boff, podemos afirmar que a religião é um fenômeno próprio do universo cultural de cada povo e, como tal, é sempre mediada pela sociedade a que se refere, que estabelece os termos, os limites e a maneira como os grupos ou indivíduos se organizam em seu interior e, ainda, a cultura, a história, a sociedade e a religião como realidades que se influenciam de forma decisiva e são sempre indissociáveis. É um grande desafio a construção de uma crença, filosofia, sistema, etc. que seja absolutamente “imaculada”, sem qualquer mancha da situação histórica, da língua, das danças, da visão de mundo, isto é, da cultura do povo que professa sua fé.

O sincretismo nas religiões reveladas

As religiões são divididas, muitas vezes, em duas categorias: religiões “reveladas”, isto é, aquelas que se baseiam no testemunho de alguém que afirma ter recebido uma mensagem (revelação) da divindade e as religiões “despertadas”, as quais têm fundamento na experiência de um mestre ou guru que alcançou um estado mental/espiritual denominado “iluminação”. Os grandes sistemas “revelados” são as religiões do “livro”, originadas a partir da fé de Abraão: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. O grande sistema “despertado” é, sem dúvida, o budismo, em todas as suas variantes. No presente trabalho, o interesse recai sobre o primeiro grupo, tendo em vista a dinâmica do sincretismo estabelecido com as religiões afro; no caso particular sob análise, o candomblé.

Como já foi afirmado antes, não existe uma pureza de religião; mas a grande tentação das religiões “reveladas” (por serem a maioria

em número de fiéis) de professarem uma teologia exclusivista e sectária, chamada por Boff (1981, p.150) de “discurso totalizador”, que rejeita todas as outras tradições religiosas e as considera “falsas”; sendo que nas tradições “despertadas” prevalece uma postura de tolerância para com as outras tradições religiosas.

A teologia exclusivista de que Boff nos fala prega a total pureza da revelação dada àquele sistema religioso; seja a Torá, a Bíblia ou o Alcorão. Para esses, Deus “ditou” os livros sagrados, os quais (em oposição ao “contém”) são sua palavra, de forma absoluta, eterna e irrevogável. Não há crítica ou atualização possível, muito menos sincretismo; uma vez que são “água jorrada diretamente da fonte” (Deus), sendo portanto pura e cristalina.

A moderna teologia e os estudos de outras ciências ligadas ao conhecimento do fenômeno religioso têm revelado toda falácia desta argumentação. Como acentua Boff, o cristianismo/catolicismo é tão sincrético como qualquer outra religião. O Antigo e o Novo Testamento se constituem igualmente em escritos sincréticos, assimilando as influências ambientais da cultura própria e outras. Os textos neotestamentários contêm substâncias jesuânica, apostólica, judaica, judeu-cristã, tipicamente cristã, romana, grega, gnóstica, estoica, etc. (Boff, 1981, p.150).

Essa realidade sincrética pode ser verificada desde o surgimento da religião que hoje conhecemos como judaísmo. O aspecto ferrenhamente monoteísta deste sistema é uma herança compartilhada em todo o universo semítico beduíno; ainda que só posteriormente tenham sido organizadas outras religiões sob o mesmo fundamento (cristianismo e islamismo).

Nesse sentido, não há dúvida em afirmar que o cristianismo é, desde o nascedouro, uma religião sincrética com o judaísmo, em primeiro lugar. Mas, logo depois se alimenta e sincretiza-se na realidade helenista e, principalmente, na cultura romana: “Quanto ao helenismo e à cultura romana (esta em grande parte tributária

da Grécia), o cristianismo primitivo mostrou maior consideração e empreendeu mesmo um estupendo trabalho de aculturação” (Cintra, 1977, p.13-4). Se o catolicismo romano é a expressão do sincretismo com as categorias cultura e pensamento dos povos latinos (principalmente da península itálica), o protestantismo é a fusão da fé cristã com a mente anglo-saxã; ou seja, o luteranismo profundamente alemão, o anglicanismo inglês, o presbiterianismo e as igrejas batistas norte-americanas.

Sincretismo e africanismo/ sincretismo *versus* purismo

Por africanismo, entende-se, positivamente, o conjunto da herança cultural-religiosa trazida para o continente americano, especialmente ao Brasil, por povos africanos seqüestrados pelo colonizador branco europeu. O termo engloba todas as manifestações espirituais do povo afro-descendente, sejam aquelas como o *Vodou* haitiano ou o Candomblé da Bahia, que mantêm raízes africanas mais explícitas; sejam cultos como a Umbanda - religião nascida em solo brasileiro - com explícitas influências kardecistas e cristãs. É por isso que optamos pelo termo “africanismo”, o qual nos parece mais apropriado que “africano”; uma vez que aquele é mais universal, podendo englobar as diferentes manifestações religiosas do povo afro-descendente; desde aquelas que permanecem mais vinculadas com o continente-mãe, àquelas que já são criação nova, na terra onde foi vivido o cativo escravidão.

O Candomblé e as demais tradições afro-brasileiras são o resultado de um sincretismo em quatro direções: o sincretismo com o cristianismo católico-romano; a fusão entre diferentes tradições africanas; a influência da religiosidade indígena e do espiritismo de Allan Kardec (Berkenbrock, 1998, p. 114 -115).

A deformação teórica e conceitual, bem como o preconceito acerca do fenômeno sincrético, também, se manifesta no estudo da espiritualidade africanista. Em muitos estudiosos e, particularmente,

nas lideranças religiosas do Candomblé, observamos a reprodução do ideário “anti-sincretista”, caracterizado pela busca e pela afirmação de uma religião “pura”. Nesse contexto, formaram-se diferentes posições em torno do fenômeno sincrético afro-brasileiro.

A visão tradicional, particularmente influenciada por uma certa teologia católica e protestante, afirma essencialmente que o Candomblé e as outras manifestações religiosas africanistas são “cultos demoníacos”, “idólatras” e outros adjetivos que são somente desqualificações da fé alheia, que “se misturam” ao cristianismo, particularmente na Igreja romana, com intuítos proselitistas¹. Com a evolução deste pensamento, claramente preconceituoso e fruto do imperialismo cultural e religioso do invasor europeu, foram construídos outros pontos de vista, ainda que mais ou menos influenciados pelo conceito “negativo” do fenômeno sincrético. Lody, numa posição “negativista”, afirma que aquilo que existe entre Candomblé e Igreja Católica Romana é uma “birreligiosidade”, isto é, a coexistência de duas religiões no seio do povo afro-descendente brasileiro:

Ir à igreja, dizer-se católico, é prática da maioria dos adeptos do terreiro, mesmo aqueles mais tradicionais da Bahia. Aí os altares, em estilo e consistência católica, exibem imagens e demais símbolos do poder histórico fincado pela mão do europeu. Não me parece que exista aí uma dialética, mas sim um processo birreligioso, incorporativo e crítico ao mesmo tempo. (Lody, 1987, p. 16)

Parece que desde a própria construção do conceito de birreligiosidade, Lody cai em contradição, mostrando-se prisioneiro da lógica “anti-sincrética”, que é baseada em preconceitos e, logicamente, anticientífica. Na tentativa de negar o sincretismo, ele reconhece a “mão do europeu” que “fincou”, entre outras coisas, os

¹ Essa posição hoje é mais abertamente defendida pela Igreja Universal do Reino de Deus, ainda que não de forma exclusiva.

mencionados altares e as imagens utilizadas nos rituais do Candomblé.

Na mesma armadilha, caíram importantes lideranças do africanismo, no chamado *Manifesto de Ialorixás Baianas Contra o Sincretismo*, de 1983, o qual foi assinado, entre outras, por Mãe Menininha do Gantois, Stella de Oxóssi, Tetê de Iansã, Olga de Alaketo e Nicinha de Bogum Axé. O *Manifesto* tinha por objetivo a total “ruptura” do Candomblé com o sincretismo, na perspectiva de colocá-lo, dessa forma, como a religião, de fato e de direito, dos afro-descendentes brasileiros. Rejeita toda e qualquer “diminuição” frente a outras religiões, particularmente a católica, explicitamente excluindo de si a pecha de “seita” (Caroso, 1999).

Entre outras coisas, o *Manifesto* diz que em

Vinte e sete de julho passado deixamos pública nossa posição a respeito do fato de nossa religião não ser uma seita, uma prática animista primitiva; conseqüentemente, rejeitamos o sincretismo como fruto de nossa religião, desde que ele foi criado pela escravidão à qual foram submetidos nossos antepassados (Caroso, 1999, p. 89-90).

O *Manifesto* chama aqueles que praticam o sincretismo de pessoas portadoras de uma “atitude de escravo”. Como fica evidente pelo trecho citado, sua elaboração passou por uma dinâmica que, de certa maneira, nega a escravidão, encarando-a como uma “mancha” a ser “lavada” na História do povo afro-descendente, trazendo à memória das novas gerações a África, não o escravismo em solo americano. Aí estão as bases também do chamado movimento de “reafricanização”, o qual busca um

retorno deliberado à tradição com o reaprendizado da língua, dos ritos e mitos que foram deturpados e perdidos na adversidade da diáspora; voltar à África não para ser africano nem para ser afro-descendente, mas para recuperar um patrimônio cuja presença no Brasil é agora motivo de orgulho, sabedoria e reconhecimento público, e assim ser o detentor de uma cultura

que já é ao mesmo tempo negra e brasileira, porque o Brasil já se reconhece no Orixá. (Caroso, 1999, p. 105).

Entende-se como absolutamente legítimo o intento das lideranças do Candomblé que não querem ser vistas como divulgadoras de um “exotismo cultural” ou como adeptas de seitas “folclóricas”. Mas, na linha do resgate da auto-estima do povo afro-descendente, particularmente das novas gerações, sente-se que elas poderiam reavaliar tal postura, pois o sincretismo não faz do candomblé uma experiência menor em relação às outras religiões. Entretanto, parece-nos equivocado entender que, para tal, é necessário “abolir” o sincretismo, por vários motivos, a começar pelo fato de sê-lo impossível, tendo em vista que ele é um fenômeno inerente a todo processo de formação histórico-religiosa, não somente inevitável, mas constitutivo de toda identidade espiritual; até porque a “pureza religiosa é uma ideologia e um mito”, como nos lembra Pollak-Eltz. (in:Ferreti, 1999, p.115).

Além disso, a lógica que tenta negar ou desfocar a espiritualidade africanista da realidade da escravidão, ainda que o faça com as intenções mencionadas, traz um prejuízo ao povo afro-descendente, sendo influenciada por todo o conjunto de ideologias que visam à alienação histórica dos afro-descendentes, o maior contingente populacional do país. Para evitar mal-entendidos tão comuns em assuntos delicados como este, parece-nos que o *Manifesto* equivoca-se, quando acredita que a escravidão é uma referência histórica “menor” se comparada com a identidade africana; ao contrário, ela pode ser um elemento de agregação, união e fortalecimento da identidade étnica negra/africana, compreendendo-se o sincretismo como prova da resistência do escravo ao domínio do branco, que podia escravizar seu corpo; mas nunca conseguiu apoderar-se de sua alma, capaz de ver na igreja européia a mística dos Orixás.

Nota-se que as lideranças do Candomblé podem ver na sua história as marcas da resistência, similar ao que se deu com o povo

de Israel, capaz de preservar a fé no Deus único, Javé, ante as maiores atrocidades contra tal povo cometidas, inclusive sob a escravidão e o exílio, como no Egito e na Babilônia. A mística nessa opressão tem na religião a marca “unificadora”, bem como a fonte de vida e o alimento da esperança contra toda desesperança.

Entretanto, o que vemos dentro das tradições africanistas ligadas ao Candomblé é uma luta teológica e ideológica na busca da pretensa “pureza” da confissão, na linha do *Manifesto* e do movimento de “reafricanização”. Ignoram o fato de que, como demonstrado anteriormente nos casos do judaísmo e do cristianismo, toda tradição religiosa é mais ou menos sincrética.

Os elementos da mistura

Deve-se admitir que o processo de formação do Candomblé - e neste, do sincretismo - foi, como já definimos, o da “aculturação”, a recepção forçada de valores de uma cultura pela outra, ameaçada pela força e subjugada pelas armas. Os afro-descendentes não vieram para o Brasil como turistas ou como novos moradores, mas sim seqüestrados nos navios de contrabandistas, vendidos e tratados como “coisa”, pior que animais. Os afro-descendentes, homens e mulheres escravizados, foram mercadoria fundamental do mercantilismo europeu dos séculos XVI e seguintes. Esse fato constitui uma marca inerente a toda a história do continente americano e do povo afro-descendente que aqui vive, o qual forma um imenso contingente populacional e uma poderosa força cultural.

Não há como compreender – quiçá professar – o Candomblé sem se reportar continuamente a essa realidade sociológica: a escravidão negra, visto que ela influenciou decisivamente a realidade da religião daqueles que eram vítimas da escravidão. Junto com a dominação dos corpos, espanhóis e portugueses intentaram a colonização espiritual dos escravos, impondo-lhes a fé católica e

apostólica. Sendo assim, todo o sistema religioso africanista tem a marca da “subversão”, como uma prática secreta, realizada como resistência ao opressor; em outras expressões, o Candomblé é indissociável do trauma do transplante violento dos afro-descendentes da África para o Brasil. “A escravatura dos afro-descendentes representa a chave de interpretação da sobrevivência e da proliferação das religiões africanas no Brasil.” (Paleari, 1998, p. 207-8).

Entende-se que o elemento mais forte desse movimento de resistência foi o uso do espaço católico para o culto africano, resultando daí o mais visível elemento do sincretismo entre o Candomblé e a Igreja Católica: o culto dos santos identificados como Orixás. Uma vez que os escravos afro-descendentes eram obrigados a assistir ao culto católico, particularmente à missa, esses começaram a utilizar aquele momento e aquele espaço como oportunidades de expressar a sua religiosidade. Os santos católicos foram assim relacionados aos Orixás:

Muitos Orixás estão associados, também, a santos católicos. A realidade dessa combinação vem dos tempos da escravidão, quando a religião oficial católica impôs um verniz formal religioso sobre as religiões africanas. Externamente, os afro-descendentes praticavam o catolicismo, mas, internamente, reviviam os mitos africanos. (Paleari, 1998, p. 209)

O que hoje, no Brasil, é o Candomblé, na África, era a religião de nações; que a professavam em imensas áreas, como cultos nacionais e públicos. Na América, eram práticas “subversivas”, proibidas e severamente reprimidas. Sendo assim, o culto dos Orixás foi adquirindo a forma de uma religião esotérica² e misteriosa, isto é, uma tradição clandestina face ao dominador católico, que é transmitida oralmente e face-a-face, na relação

² Etimologicamente o termo “esotérico” vem do grego *esoterós*, que quer dizer “peculiar aos íntimos, aos de dentro”, em oposição a “exotérico”, que são as doutrinas religiosas ou filosóficas ensinadas publicamente (*Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa*).

entre mestre e discípulo, o qual deve solicitar expressamente sua introdução na religião, incompreensível aos não-iniciados. As formas de culto, até hoje, nunca são totalmente públicas, sendo que o caráter “oculto” ainda persiste face ao preconceito reinante na sociedade brasileira, hipocritamente “não-racista”.

Esse movimento de “esoterização” do Candomblé e do africanismo em geral é o que denominamos, também, resistência cultural à dominação luso-espanhola. Nessa linha, Valdemar Valente sintetizou a tese que neste trabalho defendemos, e que ilustra o tópico sob análise, da seguinte maneira:

Muitos traços culturais dos afro-descendentes se conservaram no Brasil e se integraram à cultura brasileira. Não obstante a situação de escravos que se encontravam. (...) A sua resistência cultural mostrou-se particularmente notável no modo de preservar suas religiões (Valente, 1945, p. 8-9).

Explicando como se deu tal processo, Paleari constata que

sobretudo as tradições religiosas negras mantiveram-se às escondidas por 400 anos e, em muitos casos, reconstruídas dentro de novos contextos e circunstâncias. Controladas pelo catolicismo dominante e misturadas com o catolicismo popular de matriz lusitana, as peças mantiveram-se mimetizadas e resistentes. (Paleari, 1998, p. 208)

O Sincretismo como manifestação da identidade religiosa

Como se pode perceber, no decorrer deste trabalho, o sincretismo é visto de forma positiva. A colcha de retalhos composta de vários fragmentos culturais tais como a indígena, a européia e a africana é um dado que não podemos negar, no Brasil, mesmo que o queiramos fazer.

O sincretismo, vivido nos terreiros, é uma experiência de resistência e de retomada da África Mítica. As sobrevivências culturais

dos afro-descendentes, tal como a religião, é a prova dessa resistência, tendo como padrão alimentador a língua cultural, a música e os instrumentos de percussão.

No terreiro, os elementos sincretizados são muitos, desde o processo de iniciação até as saídas de santo com a participação na celebração da eucaristia. Mas é importante, segundo Joaquim,

(...) que o negro não permaneceu passivo ante a imposição da obrigação e do papel desempenhado pela religião católica como sustentáculo do projeto colonial. Tudo leva a crer que, a partir da realidade vivida naquela época, considerando as dificuldades, o negro recriou e reinterpretou a cultura dominante, adequando-a à sua maneira de ser. (Joaquim, 2001, p.18)

Assim sendo, a identidade religiosa foi o meio que sustentou e deu força ao negro para suportar e vencer as dificuldades da existência e de enfrentamento das dificuldades práticas do dia-a-dia.

Segundo Lody,

(...) no terreiro toda herança é compartilhada, reinventada em espaços brasileiros pela ação fundamentalmente de negros e seus descendentes, além de mulatos, brancos, caboclos, dos imigrantes, pois a busca de autonomia e pureza de manifestações sociais culturais da África no Brasil. (Lody, 1995, p.12)

Os terreiros são focos de resistência e devemos reconhecer que, mesmo sincretizados, eles são genuinamente africanos. Eles são formas de manifestação da identidade através da cosmovisão religiosa, que é altamente comunitária, e de outras tantas manifestações tais como as línguas, os alimentos, a dança, artesanato/arte e tudo o mais que possa formar e determinar um elenco substancial de motivações e de realizações do ser africano no Brasil e do ser afro-descendente.

A busca da Mãe-África é reconhecida no terreiro, onde encontramos os filhos e filhas de um mesmo pai. Assim como na

África uma tribo cultua um orixá, por aqui os filhos e filhas cultuam vários orixás; formam o terreiro. O que os move é a busca da África Mítica e isso fica muito claro nos rituais.

A busca da África Mítica é a marcada pela resistência. No candomblé percebemos que a submissão não aceita é a projeção da busca pela liberdade do afro-descendente. "...e a presença descomprometida com a rigidez formal e a imposição da colonização européia, implantando estereótipos culturais, sufocando e castrando a identidade negro-africana em seus elementos fundamentais de memória e patrimônio cultural." (Lody, 1995, p 80).

O terreiro de candomblé e os cultos realizados são uma verdadeira expressão da resistência religiosa e cultural; são a imagem da liberdade religiosa. O sincretismo com a igreja católica deu uma maior mobilidade aos orixás. Os terreiros são pólos de resistência e de preservação da memória etno-religiosa; onde subsiste a necessidade de preservar o divino: único e possível elo com o passado e com as origens da etnia. Ali, a identidade se mantém e é reatualizada. É a maneira necessária de encontrar a contactação mágica, o vínculo da continuidade, tentativa de assegurar a identidade.

A identidade afro é manifestada no Candomblé e se constitui num foco de resistência cultural e religiosa, uma vez que a história mostrou que, frequentemente, "esse grupo religioso se estruturou em oposição ao poder oficial, como atuação no meio dele; ainda que de modo marginal, constituindo-se como minoria." (Carneiro, 1935, p. 48).

O Candomblé, sendo religião de minoria, é também de resistência; pois, no Brasil, fomos acostumados a vê-los como feiticeiros e heréticos. Assim, o Candomblé é também uma religião de fortes; pois constitui fator de preservação da identidade do afro-descendente, mesmo que esteja sincretizado com outras tradições religiosas.

Graças à existência dos cultos e à sua conservação, é que podemos falar da sobrevivência da identidade afro. E o sincretismo com os cultos católicos proporcionou a sobrevivência da experiência religiosa africana.

Podemos afirmar que eles funcionaram como um elemento de afirmação do negro. Mesmo que estes estivessem despedaçados, foi se criando ou recriando a experiência dos orixás em solo brasileiro.

Mas o papel que o Candomblé desempenha é, segundo Prandi (1992, p. 91), o reencantamento do mundo; ou seja, busca as soluções dos problemas nos deuses, nos orixás. A realidade, tanto na chegada ao continente, como hoje, continua difícil. A identidade afro-brasileira é fundamentalmente legitimada por sua colocação no contexto de um universo simbólico. O reencantamento nos mostra a necessidade que “o homem tem de não poder viver sem se apegar a um objeto que o transcenda e sobreviva a ele.” (Durkheim, 1999, p.210).

Sem o candomblé, segundo Prandi,

imensos segmentos da população sequer chegariam a ter qualquer possibilidade de vir a encontrar uma identidade vinculada à totalidade desta sociedade em transformação, pois não se percebe o todo quando nos referimos a uma parte excluída dele. O pobre não só é órfão do mundo da política mas também da religião (1992, p. 84).

É papel do Candomblé ajudar no reencantamento destas minorias, pois, sendo uma religião afro-brasileira, tem muito a nos oferecer; uma vez que preserva um rico repertório

mágico-ritual aliado ao ideal axial de que as divindades mantêm com os homens uma relação de troca imediata através de sacrifícios, interferindo no mundo a vontade dos homens como meio de se fortalecerem como divindades, numa espécie de pacto, em que o praticante se entende participando da expansão da própria força sagrada, o Axé. (Joaquim, 2001, p. 41)

Considerações finais

Ao término deste trabalho, fica entendido que o candomblé é uma religião de resistência e de reencontro com a identidade do afro-descendente e que o sincretismo é fator de contribuição para tanto. No terreiro, encontra-se um pequeno pedaço da África, onde a religião é fator desse elo com a identidade.

Constatamos que a prática religiosa vivida no terreiro, de forma sincrética, com as influências católica, kardecista e indígena, foi a maneira que os afro-descendentes encontraram para conservar suas raízes e preservar a própria religião, resgatando a identidade étnico-cultural.

Não pretendemos, com esse trabalho esgotar o assunto ou fechá-lo a novas contribuições, até porque, o tema abordado é muito mais complexo e requer novas leituras e diferentes abordagens.

ABSTRACT

GARCIA, Célio de Pádua. Sincretismo: a possible reading. *temporis[ação]*, Goiás, v.1, nº 8, Jan/Dez 2005.

In this work, it tried to investigate the religious sincretismo, tends a glance about the candomblé and other in the Christian religion; as well as the elements that contributed to the sincretismo among the two faiths. The yard is seen as construction space and reconstruction of the African identity. The sincretismo, as will see himself, it is characteristic of all and any religion.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERKENBROCK, Volney. *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa do Candomblé*. Petrópolis: Vozes, 1988.

BOFF, Leonardo. *Igreja: Carisma e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARNEIRO, Édison. *Candomblés da Bahia*. Ediouro, 1935.

COROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson. (org). *Faces da Tradição Afro-Brasileira*: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reaficanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 1994.

CINTRA, Raimundo. Encontros e desencontros das religiões. In.: *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, nº 07, ano 71, 1977.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

FERRETTI, Sérgio. *Repensando o sincretismo*. São Paulo: Edusp/Fapema, 1995.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1998.

GARCIA, Célio de Pádua. *Batuguengé a Rongo*: sincretismo, identidade e religião. Dissertação de mestrado em Ciências da Religião. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

JOAQUIM, Maria Solete. *O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra*. Rio de Janeiro/São Paulo: Pallas/Educ, 2001.

LODY, Raul. *O povo do santo*: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. Rio de Janeiro: Pallas, 1995.

PALIARI, Giorgio. *As grandes religiões*: religiões afro-brasileiras. São Paulo: Mundo e Missão, 1998.

PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1992.

VALENTE, Valdemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. Recife: Companhia Editora Nacional, 1942.